

EDUCAÇÃO: RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA

Solange Franzosi¹

Teresa Machado Da Silva Dill²

Resumo

O presente texto discute a importância de estabelecer a relação de diálogo e parceria entre a escola e família no processo pedagógico nos anos finais do Ensino Fundamental. O estudo revela algumas estratégias de ação envolvendo a comunidade escolar: direção, professores, alunos e pais, na busca pela construção de um compromisso coletivo. Destaca-se que nesta fase escolar, os alunos são bastante ativos, o que requer maior atenção, cuidados e acompanhamento, tanto por parte da escola como da família. O cenário revela que as famílias encontram-se, em muitos casos, desorientadas ou ocupadas demais com seus problemas do dia-a-dia, o que leva transferir algumas responsabilidades para a escola resolver. Situação que nem sempre é compreendida no ambiente da escola. As famílias nem sempre possuem os conhecimentos necessários para compreender e conduzir o adolescente nesta fase da vida, o que torna a situação ainda mais problemática. A tentativa da escola envolver a família no processo de ensino e de aprendizagem é no sentido de encontrar caminhos mais seguros para constituírem juntos a base no processo formativo. Considera-se que a escola precisa viabilizar mecanismos que permitam uma efetiva participação e envolvimento de ambos. Os elementos aqui apresentados servem de reflexões como possibilidades de revisão e qualificação no processo pedagógico e formativo no ambiente escolar.

Palavras-Chave: Escola – Família – Ensino - Aprendizagem

Introdução

O processo educativo como um todo tem revelado muitos desafios, diante das mudanças culturais na sociedade neste início do século XXI. Um contexto que exige cada vez mais atenção e formação continuada por parte dos profissionais da educação. É comum ouvir dos professores: “educar não é fácil”! E pode ser ainda mais difícil sem o diálogo entre escola e família. Quando pensamos em equipe pensamos em um grupo que trabalha junto, sem buscar culpados para justificar a impotência e fracassos, ou seja, “passando a bola”. Num time de futebol, por exemplo, se os

1

Graduada em Letras Espanhol pela Universidade Diocesana do Sudoeste do Paraná – UNICS. Especialização em Metodologia do Ensino de Línguas. cursando Especialização em Educação e a Interface com as redes de Proteção Social.

2 Docente da Universidade Comunitária da Região de Chapecó – UNOCHAPECÓ. Mestre em história pela Universidade de Passo Fundo – UPF.

jogadores do mesmo time chutar a bola para lados diferentes, não chegariam ao gol. O mesmo acontece no âmbito da educação escolar. Se na escola os professores ensinam algo que em casa não permite a continuidade, ou as compreensões são muito diferentes, como fica a percepção das crianças? Considera-se que para educar se faz o diálogo, os pais precisam estar por dentro do que acontece na vida escolar do seu filho e a escola precisa conhecer de onde vêm seus alunos, para que a criança não se sinta confundida.

Buscando compreender as relações entre família e escola, este artigo traz algumas reflexões e proposições sobre as diferentes perspectivas do envolvimento de ambas partes, possíveis influências sobre o desenvolvimento e a aprendizagem humana e como a integração entre eles tem influenciado no processos de aprendizagem. Algumas considerações são feitas a respeito da necessidade de promover a aproximação efetiva entre a família e a escola, de implementar pesquisas que apontem as situações e implicações na relação família e escola.

A família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos de desenvolvimento psíquico, físico, intelectual e social das crianças e adolescentes. A escola constitui um espaço, no qual as crianças investem seu tempo, envolvem-se em atividades diferenciadas ligadas às tarefas formais (pesquisa, leitura dirigida, por ex.) e aos espaços informais de aprendizagem (hora do recreio, excursões, atividades de lazer).

É frequente depararmos com o seguinte pensamento: “há pais que transferem a educação de seus filhos para a escola, como uma espécie de perda de controle”. Por outro lado, é notório como os pais cobram da escola disciplina e responsabilidade e valores. É de fundamental importância que a escola dê mais atenção aos pais que encontram dificuldades em conduzir o processo educativos de seus filhos, com orientações, exigências, palestras, leituras e encaminhamento para profissionais especializados, para ajudá-los a compreender o contexto de seu ambiente familiar.

Este estudo foi realizado por meio de leituras, diálogos e constatações no cotidiano da escola. O referido artigo discute os seguintes aspectos: a educação no ambiente da família e da escola

A educação no ambiente familiar e da escola

Nos últimos tempos evidenciamos manifestações que estabelecem comparativos entre do presente e do passado. São comuns expressões assim: a escola não é a mesma! “No tempo de nossos avós o aluno tinha maior respeito pelo professor, o qual valorizava muito”. O certo era o que o professor dizia, pois sabiam que seriam cobrados em casa. Hoje, o que se ouve dos professores é que a maioria dos alunos são desatentos, agitados, rebeldes, indisciplinados, inseguros, inquietos e

hiperativo, porém também há caracterização positiva: são participativos, questionadores, exigentes, interessados e alegres. Juízo de valor.

Por outro lado, tais comentários e percepções indicam que o professor não está preparando para lidar com essa geração. Isso indica também que a formação do professor não está condizente com essa nova realidade da criança e do adolescente. De certa forma passa a impressão que o professor foi formado de acordo com a filosofia e cultura para um modelo de sociedade que não se sustenta. Este cenário talvez seja responsável pela produção do mal estar docente. As fragilidades e a impotência tem se revelado nas posturas de buscar culpados frente a crise da escola, principalmente no fazer pedagógico.

A Família hoje é vista como uma casa aberta a todos os ventos, a todas as inconstâncias e suscetível a todas as fragilidades. Toda vez que é abordado a problemática relacional ao ambiente escolar, social e até mesmo familiar, há certa tendência em afirmar como ponto crucial e culpável, a Família. Diante a este contexto, faz-se necessário evitar julgamentos equívocos sem embasamento teórico contextualizado que permitem a compreensão dos motivos dessas problemáticas. É preciso assumir atitude prudente, moderada e uma avaliação submetida a todas as provas a partir de experiência de vida fundamentados em pesquisas que indicam as causas de determinados problemas. Do contrário, como diz Marx: *“a negação torna-se uma forma disfarçada em apresentar um novo conceito cujo resultado final tem o mesmo efeito ou pior ao negado”*. (MARX, 1983). A premissa é simples, não existe modelo de família a ser seguido.

O que existe são experiências de vida que podem minimizar melhorar ou até provocar a mudança substancial em cada ser. Mas isso é um dado subjetivo que ganha força nas predisposições em que a pessoa se compromete a caminhar. Os modelos são construções que não possuem vida longa, e não existem, pois é uma tendência, um modismo, sendo que a família, também vem assumindo nova configuração que pode ter implicações significativas, que respinga em todos os espaços sociais e que se confrontam com as culturas padronizadas historicamente. Quando não se possui tal compreensão estabelecem-se juízo de valores preconceituosos. Por isso em todos os momentos devemos contemplar a pessoa em sua individualidade e munir a família do máximo de elementos que garantam a manutenção de alguns valores.

Outro aspecto que indica a fragilidade da família é a *“falta de tempo”*. Fiz questão de destacar porque segundo a pesquisa realizada na escola que trabalho, (Escola A), a pesquisa revelou que não é bem falta de tempo, o problema está no gerenciamento das atividades. Se considerarmos as horas do dia, só a título de exemplo, vejamos como se distribuem as horas: oito horas para dormir. Nove horas de trabalho, considerando ir e vir (*para a realidade de cidade pequena*) resta ainda sete horas que dedicamos as refeições, que por sinal além de serem rápidas são mal feitas. De

televisão. De idas e vindas inúteis. Se analisarmos a fundo mais nada se faz para que se ocupe adequadamente o restante do tempo. Não posso esquecer que se ocupa uma parte desse tempo para reclamar da vida, das coisas e dos outros.

E escola parece que nem vai aparecendo na ordem de prioridade. À medida que o tempo escorre entre os dedos vamos nos tornando cada vez mais ausentes, frios e distantes. Logo, não se trata de falta de tempo e sim de prioridade. E se tempo não é prioridade nem os filhos o são. Alguém pode pensar e dizer como que filho não é prioridade? Para quem diz que não tem tempo, sim, filho não é prioridade. É preciso lembrar e ter consciência que os filhos vão ser crianças e vivem aquele momento só uma vez na vida e depois que perdem aquele jeito engraçado e vai ficando “engraçadinho” os abandonamos. Não os buscamos mais na escola, não perguntamos ao professor como está seu desempenho e nas aulas, sobre sua conduta... Não sentamos para ajudar nos temas. Em muitos casos, os pais não possuem conhecimentos para acompanhar o processo de aprendizagem. Como a escola deve agir nesses casos? É fácil dizer: “mas se não se sabe como faz o tema”, ao menos você senta, conversa, pergunta por que das notas, como está a escola, a professora? E quando os pais não possuem esse entendimento? Você descobre que quando faz isso não é porque você aprendeu a fórmula do x, mas descobriu o X da questão, para isso se faz necessário o diálogo permanente entre escola e família. As experiências tem revelado que se aprende não por aquilo que você pode ensinar, mas pela atenção e amor com que você se dedicou. E pela importância como pessoa que indiscutivelmente precisam não do seu saber, mas do seu sabor de pai, mãe que se preocupam e são responsáveis. Está perto.

Ouvimos frequentemente esta frase: “Nossos filhos não querem nossos presentes, querem nossa presença”. Frases que na maioria das vezes são apenas recitadas sem nenhuma reflexão. Muito embora as mudanças propagadas na sociedade nas últimas três ou quatro décadas, tem mostrando que o movimento da tecnologia tem implicado e influenciado nas relações nos ambientes familiares, a presença física e o afeto são elementos insubstituíveis no processo de desenvolvimento e formação do ser humano. Frente a este contexto cabe trazer a seguinte afirmativa de Paulo Freire em “A Pedagogia da Autonomia”: “A mudanças implica a dialitização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação” (FREIRE, 1996, p. 88). Parece que aqui entra a função social da escola, por entendermos que, o professor, enquanto profissional deve estar munido de conhecimentos para interpretar, compreender e propor possibilidades para resolver os problemas que se manifestam no cotidiano da escola.

Por outro lado cabe destacar que no ambiente familiar, o colo, o abraço, o beijo, o sentimento de preocupação e acompanhamento não podem ser substituídos. Prova disso foi

possível constatar em uma pesquisa desenvolvida num escola pública no Município de São Lourenço D'Oeste - SLO, em 2014. Fiz uma enquete com quinhentos e cinquenta alunos aproximadamente, do sexto ao nono ano. Cada aluno levou para casa um questionário com 10 perguntas para responder. Entre as perguntas figurava: O que dói mais: quando você ganha uma surra ou o pai, mãe ou responsável te chama para uma conversa e te dá aquela “dura”? A pesquisa indicou que 80% respondeu a segunda opção. E questionando o porquê, duas coisas foram muito interessantes, simplifico: meu pai, minha mãe se importam comigo. E, dói mais que a vara quando a gente é interpelado pelos pais de forma firme e propositiva. E quando colocamos alguns problemas para discussão nos encontros para família, sempre se pronuncia de uma forma ou de outra aquelas figuras paradas no tempo que acreditam que o “laço” é a melhor solução.

As Diretrizes Nacionais Curriculares (Resolução 04/2010), no Título II, Art.6 relativo às Referências Conceituais, estabelecem que, “na Educação Básica é necessário considerar as dimensões do *Educar e do Cuidar*, em sua inseparabilidade, buscando recuperar para a função social desse nível da educação, a sua centralidade, que é o educando, pessoa em formação na sua essência humana”. Tomando-se por base tal inferência, surge a pergunta: quantos professores conhecem e trazem a luz do fazer pedagógica a base legal da Educação Básica?

A configuração da família e a função social da escola

Os vícios são gestados no seio da carência, alimentados na indiferença e empurrados numa sociedade que só compreende o ser humano como peça do capital. Somos treinados visceralmente para o ganho, para o lucro, para progressão funcional repositória que cumpra seu papel social de bom cidadão alimentando a máquina do capital que engole a vida suada e devolve em conta gotas, exigindo cada vez mais da força e do tempo das pessoas. A tecnologia veio para facilitar a vida e nos tornou compulsivos do consumir sem aproveitar porque tudo já nasce com data para morrer. Assim tornaram-se as pessoas consumidas, engolidas pela máquina do capital. Não há mais encontros, há desculpas. Não há mais aprendizagem, só informação. Não há mais sentido, há o momento que se tem que viver intensamente. E pior de tudo é que não há conhecimento do outro, envenenado as relações e assombrando as pessoas com o pecado mais cruel do século XXI, o indiferentismo. Reduz-se a carga horária, mas se quadruplica o trabalho. Chaplin já nos alertava: “*não sois máquinas, homens, gente é que sois*”. Não sei já nos confundimos no universo carregado da matéria e que tudo é relativo, inclusive o tempo, é assim não tem o que fazer. Pior quando arrematamos dizendo que a esperança é última que morre.

Não queremos especulações ou dar ênfase a problemática e seus desdobramentos, seja ela a violência escolar, a droga, a banalização dos valores e do ser humano. Queremos construir juntos com a escola, a família e a sociedade um ambiente mais tranquilo que rompa com o maldito paradoxo da atualidade; temos casa, mas não temos lar; temos cama, mas não temos sono; temos informação e não temos conhecimento; ganhamos mais, para gastar mais, para esperar mais na fila que se compra e se paga. Talvez seja essa uma das grandes razões do não ter tempo, que para mim soa o mesmo que não ter virtudes. Acreditar que cada um deve fazer sua parte já que a escola está chegando ao seu esgotamento porque não dá conta de fazer a parte da família. A família pede socorro porque escancarou-se as portas para a banalização e o relativismo e a sociedade punem arbitrariamente mais pela coação que pela educação. Convocar a escola e a família é colocar a sociedade e seus mais diversos segmentos legais como agentes de educação, vigilância e prevenção. Chamar para o debate sério e aberto e buscar interiorizar nas novas gerações uma nova concepção de relações. O problema todos nós sabemos, queremos ouvir experiências possíveis que possam ajudar a modificar um pouco que seja quem já deixou a esperança morrer primeiro.

Através da percepção das necessidades dos alunos, é que a educação escolar precisa planejar as práticas pedagógicas que estejam adequadas à realidade dos alunos. As disciplinas são essenciais na formação das atitudes dos educandos, quando articuladas, contribuem com o aprimoramento da sua autonomia e, conseqüentemente favorecer o desenvolvimento integral do ser humano.

É preciso ter consciência de que há, porém, uma notável diferença entre a escola do passado e a atual. A primeira, sob exclusiva ação do professor, antes consistia a única fonte de conhecimento de seus alunos, sem a qual não se poderia “saber” nem “conhecer”. Nos últimos anos podemos facilmente perceber que do ponto de vista estrutural a escola não tenha mudado, o universo cultural as pessoas, as relações sociais, de produção e de trabalho sofrem grandes modificações. O professor deixou de ser a única fonte de saber para seus alunos. Os alunos já chegam à escola com uma visão de mundo pré-estabelecida, com opiniões e conceitos formados, com uma cultura estritamente pessoal e diversificada. O mundo desses alunos é polifônico e policrômico. É cheio de cores, imagens e sons. Muito distante do espaço quase que exclusivamente monotônico, monofônico, monocromático que a escola está a lhes oferecer (FREIRE, 1998).

Frequentemente ouvimos frases como esta: “hoje as famílias não conseguem impor limites aos filhos, às vezes nem os pais tem limites”. A falta de interesse pelo conteúdo e desrespeito pelos professores são apenas alguns dos problemas enfrentados em sala de aula. De nada adianta a escola trabalhar com uma proposta educacional, se a família não fizer a sua parte. Há certo apelo por parte dos professores que os pais devem participar mais da vida escolar dos filhos colaborando para o aprendizado e crescimento dos alunos.

A família nuclear conjugal moderna – quer dizer, pai, mãe e filhos– da forma como é

definida hoje em dia, não foi sempre assim. Foi a consequência de mudanças na forma de atuação de outras instituições, como o Estado e a Igreja que, há cerca de três séculos, começaram a valorizar o “sentimento de família”. Isso significa que os laços familiares começaram a ser reconhecidos socialmente e a educação e criação de crianças, nascida da união de um casal passa a ser, cada vez mais, da responsabilidade da família (ÁRIES, 1978).

É notório que as pessoas ficam divididas entre as formas de viver em família, de acordo com os padrões estabelecidos pela sociedade moderna, com as outras formas de constituir família que vem se proliferando nos últimos anos. Tais mudanças provocam conflitos, interpretações e concepções preconceituosas, quando não se conhece e não se compreendem esse fenômeno de maneira contextualizada. A escola não pode se eximir enfrentar e discutir os novos paradigmas que vem constituindo novas formas de constituir a família. As famílias, por sua vez precisa buscar esclarecimentos para poder compreender as mudanças manifestadas nos próprios filhos pois todos estamos sujeitos a confrontarmos com as mudanças já estabelecidas.

Segundo (PAROLIN, 2007), é em família que uma criança constrói seus primeiros vínculos com a aprendizagem e forma seu estilo de aprender. Nenhuma criança nasce sabendo o que é bom ou ruim e muito menos sabendo do que gosta e do que não gosta. A tarefa dos pais, dos professores/escola é a de favorecer uma consciência moral, pautada em uma lógica socialmente compreendida, para que, quando essa criança tiver que decidir ou assumir formas que não se encaixam com os padrões estabelecidos, sintam-se seguras e autônomas para constituírem suas identidades, que saibam como e por que estão tomando determinados caminhos ou decisões.

Gostaria de lembrar um livro francês que nunca foi muito divulgado no Brasil, para quem está preocupado com a situação das escolas, vale ler Escola dos Bárbaros, de Isabelle Stall e Françoise Thom, publicadas no Brasil pela Edusp ainda em 1987, apontando um cenário que só se agravaria no Brasil nas décadas seguintes.

As autoras são duas professoras francesas que contam à degradação que viam surgir nas escolas daquele país já na década de 1980. Elas consideram que a falta de disciplina nas escolas reflete uma sociedade.

É nesse quadro que aumenta a importância da educação e a responsabilidade dos educadores. Pede-se à educação, entendida em um sentido amplo como um processo de conhecer e intervir no mundo, uma contribuição decisiva para que possamos encontrar uma “saída” para as questões de civilização que nos atingem (CANARIO, 2006).

O que os alunos buscam na escola de hoje, ou, o que alunos de hoje buscam na escola de sempre! E o que esse modelo de escola pode oferecer ao aluno atual e real? Será que uma escola com a estrutura burocrática e conservadora, consegue responder aos anseios frente aos avanços da sociedade contemporânea e se regula por regras que visam, sobretudo, definir leis sob a forma de

programas e currículos, o que não condizem com a realidade do início do século XXI.

TIBA (1998) já dizia que a escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação: o interesse em acompanhar os estudos dos filhos é um dos principais estímulos para que eles se empenhem nas atividades de aprendizagem. É notório que, quando os pais participam, os filhos se sentem mais valorizados e responsáveis. Os pais precisam entender que eles devem dar o exemplo. Muitas vezes os pais reclamam que seus filhos não assumem os compromissos, muitos pais nem percebem que fazem o mesmo e que seus filhos estão reproduzindo as atitudes vivenciadas no ambiente familiar.

Cabe a escola a iniciativa de descobrir caminhos e mobilizar os alunos para o conhecimento, estimular as interações e as participações, promovendo valores como o respeito e a cooperação por meio de ações coletivas. Para isso é necessário a adesão de todos os envolvidos com o processo pedagógico.

Para (ZAGURY, 2005), é tarefa dos pais atender as necessidades dos filhos. Assim, os pais, para terem sucesso no processo de desenvolvimento de seus filhos. Para isso precisam descobrir formas que permitam desenvolver atitudes de compromisso e responsabilidade com o processo educativo que ajudam de fato, para seus filhos tornarem-se independentes e equilibrados emocionalmente.

Neste momento é que é preciso entender os conceitos família/escola, realidades, contradições, conflitos, dimensões, limites, bem como as possibilidades de aproximar escola e famílias no cotidiano escolar. Acreditamos que quando se toma consciência da necessidade do diálogo entre escola e famílias, ambos despenderão maior atenção e cuidado em tornar uma prática responsável e permanente. Uma postura que contribuem efetivamente para o desenvolvimento humano, social, cultural e afetivo dos alunos/filhos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constatou-se que cabe a família a tarefa de estruturar o sujeito em sua identificação, individual e autônomo. Isso ocorre à medida que a criança vive o seu dia-a-dia inserido em um grupo de pessoas que lhe dá carinho, proteção e oferece suporte material e afetivo para suas necessidades.

É na convivência que a família marca sua presença, portanto, pensar em família é pensar em um grupo de pessoas que têm uma organização típica, normas, valores, formas de conduta e que, enquanto compartilhar uma série de coisas, fatos, afetividades e emoções, dando suporte umas às outras, também formam sua própria individualidade. De acordo com as Diretrizes da Educação

Básica, a escola de qualidade social adota como centralidade o estudante e a aprendizagem. “A escola de Educação Básica é o espaço em que se ressignifica e se recria a cultura herdada, reconstruindo-se as identidades culturais, em que se aprende a valorizar as raízes próprias das diferentes regiões do país” (DCNEB, 2010). Todo o professor precisa ter presente essa dimensão da Educação Básica.

Portanto, a escola tem como o dever de desenvolver um pensamento reflexivo na comunidade escolar, ajudando construir uma compreensão coerente da realidade, resgatando os princípios éticos e desenvolvendo ações que promovam a difusão de valores, que contribuem para construção de uma sociedade mais humanizada e sustentável. Que, por meio da relação de responsabilidade entre escola e famílias os estudantes imprimem o espírito de solidariedade, respeito, honestidade, responsabilidade, fraternidade e de convivência sadia.

Este estudo revelou que é urgente que as escolas encontrem mecanismos que permitam uma efetiva participação da família para refletir os problemas de aprendizagem que acarretam sérias implicações para a prática pedagógicas e que juntos, encontrem mecanismos de efetivação da função social da escola e da família.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2ªed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BRASIL. Ministério da Educação; **Conselho Nacional de Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Básica**. Resolução 04 de Julho de 2010.

CÁNARIO, R.A **Escola tem futuro? – Das promessas às incertezas**. – Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a pratica educativa**. 14 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PAROLIN, I. **Professores formadores: a relação entre a família, à escola e a aprendizagem**. Curitiba: Positivo, 2007.

TIBA, I. **Ensinar aprendendo**. 26 ed. São Paulo: Integrare Editora, 1998.

ZAGURY, T.**Limites sem trauma**.69 ed., Rio de Janeiro: Record, 2005

ZAGURY,T.**Educar sem culpa**.14ªed. Rio de Janeiro: Record, 1999

MEKSENAS, P. **Sociologia da Educação**, 15ªed.São Paulo, Edições Loyola,1988

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da economia política**, Vol. I, Tomo I, São Paulo, Abril Cultural, 1983.